TUPINAMBÁ BALANCEIA MAIS NÃO CAI: IDENTIDADE E ESPIRITUALIDADE NA SERRA DO PADEIRO/BA

Cláudia Mirella Pereira Ramos[1]
Aldemir Inácio de Azevedo[2]
DOI 10.26512/revistacalundu.v4i2.34537

A Serra do Padeiro está localizada na cidade de Buerarema/BA e é a morada de indígenas da etnia Tupinambá. O uso do nome Tupinambá como autodesignação pelos indígenas representa uma identificação social, cultural e histórica com as populações tupi que viveram nessa região. Esse texto busca proceder um relato de experiência com olhar etnográfico sobre o culto aos encantados/caboclos cuja a expressão central ocorre anualmente na festa de São Sebastião em 19 de janeiro.

Alguns dados demográficos da etnia Tupinambá

A Serra do Padeiro está situada ao sul do Estado da Bahia, na região classificada como o nordeste brasileiro, tem uma distância de 18 km do centro de Buerarema e 457 km da Capital do Estado, Salvador. Este local faz parte do território indígena Tupinambá, que abrange também a aldeia de Olivença, na área litorânea, a oeste da cidade de Ilhéus, compondo um conjunto expressivo de núcleos, denominados “comunidades”, que ficam adjacentes, mas, em áreas interiores (CARVALHO; CARVALHO, 2011, p. 20).

Essa área constitui um total de 47.376 hectares (BRASIL- D.O., 2009, p. 52). Conforme as informações do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI 2014) a população Tupinambá está em torno de 4.669 (quatro mil e seiscentos e sessenta e nove). Esses dados são da costa marítima com início na vila de Olivença passando pela Serra das Trempes e finalizando na Serra do Padeiro. Segundo informações da Sra. Glicéria[3], conhecida como Célia Tupinambá na aldeia Serra do Padeiro tem

[1] Professora na Unesulbahia-UniFtc/BA. Doutoranda e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. E-mail. cmirella93@gmail.com.
[2] Professor do ensino básico, técnico, tecnológico e da educação superior no Instituto Federal da Bahia. Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. E-mail. aldemirfms@yahoo.com.br.
[3] A Sra. Glicéria é filha do Pajé Sr. Lírio (Rosemiro Ferreira da Silva) e irmã do Cacique Babau. Ela que auxilia o Pajé nos trabalhos espirituais e também puxa o toré nas festas religiosas.

aproximadamente 218 famílias e as atividades produtivas está relacionada a agricultura familiar.

A festa de São Sebastião: uma tradição na Serra do Padeiro/BA

No dia 18 de janeiro de 2019 fui visitar a aldeia indígena Tupinambá na Serra do Padeiro juntamente com 5 colegas, sendo dois ativistas do Movimento de Luta pela Terra, uma ativista da Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida e um Professor/pesquisador com o propósito de acompanhar os preparativos para a famosa festa de São Sebastião realizada anualmente nesse local. O meu interesse em participar era além de questões profissionais, tenho muita afinidade e sensibilidade com a temática, devido a minha essência e ancestralidade.

Ao chegarmos na aldeia fomos recebidos pela Sra. Célia irmã do Cacique Babau. Ela nos relatou que tínhamos perdido a matança do boi e a chegada da entidade "Boiadeiro". Disse que naquele momento os "Martim" estavam na terra. Em seguida chegaram três mulheres incorporadas dos "Martins[4]" para nos cumprimentar. Elas estavam fumando um charuto, a fala estava meio embolada aparentemente mais grossa, cuspiam no chão e falavam palavras consideradas "baixas" conforme a moral e bons costumes colocados pela sociedade. Uma das pessoas que estavam nos acompanhando começou a passar mal, sentindo muita tontura e foi levada para casa de santo para realizar uma limpeza espiritual. Essa limpeza foi realizada pelo "Martim" com folhas e fumo.

Por conseguinte, o Martim brincou e conversou com as pessoas que estavam próximas a casa de santo: contava piadas e circulava o recinto, oferecendo goles de vinho, num copo pequeno, para cada pessoa, no salão. Pouco tempo depois, despediu-se. No resto do dia, as mulheres prepararam as comidas, principalmente, galinhas e o boi que haviam matado. Os homens continuaram destrinchando o boi, dividindo e pesando a carne, que seria distribuída entre várias famílias da aldeia. Durante todo o dia a aldeia se movimentava com os preparativos da alvorada de São Sebastião que iria começar às 04:00 da madrugada do dia 19 de janeiro de 2019 e do Caruru de Cosme e Damião, a ser ofertado pela Dona Maria da Glória (esposa do Pajé e mãe de Rosivaldo Ferreira da Silva, conhecido como Cacique Babau) no mesmo dia às 15:30 horas. Os preparativos

[4] As Entidade com nome de Martim são também chamadas de Marinheiro trabalham na Linha de Iemanjá e também de Oxum, que compõem o chamado "Povo da Água". Observou-se que os indígenas também cultuam alguns orixás como oxum, iemanjá, obaluayê e Oxóssi. Os demais não foram citados e/ou não se manifestaram durante a festa de São Sebastião.

envolviam comidas diversas (doces e salgadas), decoração no salão de santo, banhos de limpeza e cheiro para os convidados. Ao entrar na casa de santo, observei um altar muito bonito, com imagens de santo católico (São Sebastião), imagens da umbanda como caboclo (a), preto velho e em outra sala que antecede o salão de santo tinha a orixá (Iemanjá), Cosme e Damião e o marinheiro Martim. Sendo essas últimas cultuadas no candomblé e umbanda. Nos informaram que eles ficavam separados devido à falta de espaço no altar central.

Ficamos hospedadas na casa onde ficam os professores que ministram aulas na escola indígena da aldeia. A movimentação foi constante para receber e acomodar os convidados. Vieram docentes e pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB e Universidade de Brasília – UNB. Contamos ainda, com a presença de ativistas, simpatizantes e indígenas de outras aldeias. Ao anoitecer no dia 18 de janeiro de 2019 toda a aldeia já aguardava o jantar que seria servido às 19:00 horas. Parte da matança ocorrida pela manhã foi utilizada para alimentar as pessoas. Após o jantar algumas pessoas ficavam conversando em volta da fogueira, mas, a maioria se recolheu, pois, as festividades iriam começar na madrugada e continuar durante todo o dia.

A alvorada de São Sebastião

Na madrugada do dia 19 de janeiro de 2019 às 04:00 da manhã teve uma alvorada de fogos. As pessoas pulavam das camas e rapidamente iam em direção ao salão de santo. Ao chegar no salão o Pajé Sr. Lírio estava incorporado com São Sebastião que estava na terra para abrir a festa em sua saudação e informar para toda a aldeia como será o ano de 2019. O mesmo falou sobre as conquistas e dificuldades relacionadas com a terra, os parentes/família, os direitos e deveres dos Tupinambás. Por conseguinte, Célia Tupinambá iniciou o xirê, os indígenas começaram a dançar em círculo portando maracás e aos poucos os “encantados” começaram a chegar.

Nessa sessão se manifestaram os seguintes guias: cabocla Jurema, Sultão das Matas e posteriormente Martim pescador. Os encantados são considerados os guias dos Tupinambás, seres de força e luz guiados pelos domínios da natureza como: as matas, as águas do rio e mar, a terra, a serra entre outros. Segundo relatos, os encantados possuem poderes para guiar os Tupinambás nas labutas, problemas diários e questões relacionadas a saúde.

Por volta das 08:00 da manhã todos os presentes foram levados para tomar o café da manhã. Aos que quiseram contribuir na organização, foram orientados a ajudar na confecção do almoço que seria servido às 12:00 horas e nos preparativos do caruru a ser ofertado por Dona Maria às 15:30. Durante esse intervalo não tivemos programação religiosa. Às 15:30 o salão de santo foi preparado para o caruru de Cosme e Damião[5]. A mesa foi montada com um pano branco no centro do salão. Em cima tinha a imagem de Cosme, Damião e Doum, velas coloridas, flores, balas, doces, mel, vinho, pipoca, 3 bolos, xinxim de galinha, vatapá e caruru feito com folhas de taioba. Por conseguinte, colocaram as crianças mais novas em círculo para comerem e as cantigas começam: "São Cosme mandou fazer duas camisinhas azul; no dia da festa dele São Cosme quer caruru". Muitas músicas foram cantadas e alguns indígenas começaram a incorporar, segundo relatos, eram Cosme e Damião.

Após distribuírem as comidas, deu-se um intervalo e por volta das 19:30 serviu-se o jantar para todos na aldeia. Haviam chegado mais pessoas, inclusive um ônibus com as pessoas da redondeza. Muitos levaram barracas de camping, pois, as casas estavam muito cheias. Após o jantar que se encerrou às 21:00 horas os festejos em homenagem a São Sebastião continuaram. Deram início ao toré com cantigas parecidas ao do período matutino como: "quebra a cabaça e espalha a semente; corta a língua de quem fala mal da gente; E de quem fala mal da gente corta e arranca os dentes". Aos poucos os "encantados" foram se manifestando nos indígenas presentes e as cantigas e danças continuavam initerruptamente. Os convidados foram chamados para entrar no toré formando uma belíssima roda energética e espiritual. Outros optaram em ficar ao redor da fogueira que fica em frente ao salão de santo. A festa em louvor a São Sebastião foi até o dia amanhecer. Segundo relatos de Dona Maria toda a comida, bebida, flores e velas que sobraram da festa são colocadas embaixo do altar na casa de santo e na primeira quarta feira após a festa são ofertados aos encantados na natureza.

Considerações Finais

Terminamos esse relato com a certeza que voltaremos na aldeia indígena Tupinambá da Serra do Padeiro. Foram muitos aprendizados com essa população de luta e resistência, sobretudo, no que se refere a luta pela demarcação de terra, reconhecimento

[5] Nas religiões de Matriz Africana como o Candomblé e Umbanda essas divindades são referenciadas como Ibêjes.

e respeito pelas suas questões culturais, religiosas, sociais e políticas. Quanto ao acolhimento e receptividade não tenho palavras para agradecer. Fomos tratados com muito cuidado e carinho por todos na aldeia. Agradeço em especial a Sra. Dona Maria e Célia.

Ressalto que fomos privilegiados em ter tido a oportunidade de conviver esses três dias com os Tupinambás da Serra do Padeiro e vivenciar um pouco da sua religiosidade e espiritualidade. Partindo de um olhar etnográfico percebeu-se um sincretismo entre as seguintes religiões: católica, umbanda, candomblé e encante.[6] Observou-se esse sincretismo nas imagens, nas cantigas e presentes/ofertados aos encantados. Com relação as músicas, haviam em sua composição nomes de alguns orixás como Iemanjá, Oxum, Oxóssi, Obaluayê, Caboclos, Boiadeiros, Pretos Velhos, Martins ou Marujos.

Outra questão que nos chamou atenção foi a utilização da expressão "encablocado, fulano está encaboclado." Os Tupinambás da Serra do Padeiro utilizam esse termo para se referir aos indígenas que estão "incorporados com os encantados." As crianças também utilizam essa expressão, ficam "brincando de encaboclar". Portanto, essa expressão possui especificidade cultural na identidade dos Tupinambás e transcorre o imaginário social das crianças, jovens, adultos e idosos na aldeia. Em resumo observamos que para os Tupinambás dessa aldeia o culto aos encantados confere força e orientações para os indígenas trilharem as adversidades, questões sociais, políticas e culturais, sobretudo, no que se refere ao acesso e direito a terra. Assim, os guias espirituais encantados representam o direcionamento sagrado para trilhar as pedras que aparecerem no caminho de todos os tupinambás na aldeia Serra do Padeiro.

Referências

ALARCON. Daniela Fernandes. *O RETORNO DA TERRA*: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia. Dissertação de mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, 2013.

BRASIL. Resumo do Relatório Circunstanciado de Delimitação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*. Poder Executivo. Brasília, DF, 20 abr. 2009. Seção 1. P. 52-57.

[6] É considerado o processo espiritual vivenciado pelos Tupinambás da aldeia Serra do Padeiro. As sessões de "encante" passa por iniciação, obrigações, abertura e fechamento dos trabalhos espirituais. É considerado o culto dos Tupinambás da aldeia Serra do Padeiro.

CARVALHO, Maria Rosário de; CARVALHO, Ana Magda. *Índios e Caboclos*: a história recontada. Salvador: EDUFBA, 2011.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos Encantados:* Identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro – Buerarema, BA. Dissertação de mestrado em antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2008.

Recebido em: 16/10/2020

Aceito em: 16/10/2020